O evangelho dos doze santos



Gideon Jasper Ouseley

O evangelho dos doze santos

O evangelho dos doze santos

POR

Gideon Jasper Richard Ouseley

2.ª edição

Pentagrama
publicações

2012

Copyright © 1965 Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda

Título original inglês:
The Gospel of the Holy Twelve

Nova edição corrigida e revisada

2012
Impresso no Brasil

Lectorium Rosicrucianum
Escola Internacional da Rosacruz Áurea

Sede Internacional
Bakenessergracht 11-15, Haarlem, Holanda
www.rozenkruis.nl

Sede no Brasil
Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP
www.rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal
Travessa das Pedras Negras, 1, 1.º, Lisboa, Portugal
www.rosacruzlectorium.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O evangelho dos doze santos / por Gideon Jasper Richard Ouseley ;
[tradução: equipe de tradutores do Lectorium Rosicrucianum].
– 2. ed. – Jarinu, SP : Lectorium Rosicrucianum, 2012.
Título original: *The Gospel of the Holy Twelve*
ISBN: 978-85-62923-13-5

1. Cristianismo 2. Evangelhos apócrifos - comentários 3. Jesus Cristo
I. Ouseley, Gideon Jasper Richard, 1835–1906.

12-01827 CDD–229.807

Índices para catálogo sistemático:

1. Evangelhos apócrifos : Comentários : Cristianismo 229.807

Todos os direitos desta edição reservados ao
Lectorium Rosicrucianum

Caixa Postal 39 – 13.240-000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel. (11) 4016.1817 – fax (11) 4016.3405
www.pentagrama.org.br
livros@pentagrama.org.br

Sumário

O evangelho dos doze santos,
por Gideon Jasper Richard Ouseley 11
Prólogo 31
1 Genealogia e concepção de João Batista 33
2 Concepção imaculada de Jesus Cristo 35
3 Natividade de João Batista 39
4 Natividade de Jesus Cristo 41
5 Manifestação de Jesus aos magos 45
6 Infância e juventude de Jesus Cristo
Ele liberta um leão dos caçadores 49
7 Pregação de João Batista 53
8 Batismo de Jesus-Maria Cristo 55
9 As quatro tentações 57
10 José e Maria fazem uma festa para Jesus
André e Pedro encontram Jesus 59
11 A unção por Maria Madalena 61
12 As bodas em Caná
A cura do filho do nobre 63
13 O primeiro sermão na sinagoga de Nazaré 67
14 André e Pedro são chamados
O ensinamento da crueldade com animais
Os dois homens ricos 69
15 Cura do leproso e do paralítico
O surdo que negava que outros
pudessem ouvir 71
16 Mateus é chamado
Parábola do vinho novo em odres velhos 73

17 Jesus envia os Doze e seus companheiros 75
18 Os setenta e dois são enviados 79
19 Jesus ensina sobre a oração
Erro mesmo nos profetas 81
20 O retorno dos setenta e dois 83
21 Jesus repreende a crueldade com um
cavalo, condena o serviço de Mâmon,
abençoa as crianças 85
22 A cura da filha de Jairo 89
23 Jesus e a samaritana 91
24 Jesus condena a crueldade,
cura os enfermos e expulsa os demônios 93
25 O Sermão da Montanha – Parte I 95
26 O Sermão da Montanha – Parte II 99
27 O Sermão da Montanha – Parte III 103
28 Jesus liberta coelhos e pombos 105
29 A alimentação dos cinco mil
com seis pães e sete cachos de uvas
A cura dos enfermos 109
30 O pão da vida e a videira viva 113
31 O pão da vida e a videira viva
Jesus repreende o condutor insensato 115
32 Deus, alimento e bebida de todos 119
33 Não há remissão dos pecados mediante
o derramamento do sangue de outros 121
34 O amor de Jesus por todas as criaturas 123
35 A boa lei
Maria e Marta
Sobre a sabedoria divina 125
36 A mulher apanhada em adultério 127
37 A regeneração da alma 129
38 Jesus condena os maus-tratos aos animais 131
39 Sete parábolas do reino dos céus 133

40 Jesus esclarece aos Doze
o seu ensinamento secreto 135
41 Jesus liberta pássaros engaiolados
O cego que negava que outros vissem 137
42 Jesus ensina acerca do casamento
A bênção das crianças 139
43 Jesus fala acerca das riquezas
deste mundo, e do lavar as mãos,
e do consumo de alimentos impuros 141
44 A confissão dos Doze 145
45 A busca de sinais
O espírito impuro 149
46 A transfiguração no monte
A entrega da lei 151
47 O Espírito vivifica
O rico e o mendigo 155
48 Jesus alimenta mil com cinco melões
Jesus cura a mão mirrada no sábado 159
49 O verdadeiro templo de Deus 161
50 Cristo, a luz do mundo 163
51 A verdade liberta 165
52 Jesus declara a sua preexistência 169
53 Jesus cura um cego no sábado 171
54 A inquirição do cego de nascença 173
55 Cristo, o bom pastor, uno com o Pai 177
56 A ressurreição de Lázaro 179
57 Acerca das criancinhas
O perdão dos pecadores
Parábola dos peixes 183
58 O amor divino pelo arrependido 187
59 Jesus ensina os seus discípulos
Ele encontra Zaqueu 191
60 Jesus reprova a hipocrisia 195

61 Jesus prediz o fim do ciclo 199
62 A parábola das dez virgens 203
63 A parábola dos talentos 205
64 Jesus ensina no círculo das palmeiras
A vida e a substância divinas 207
65 A última unção por Maria Madalena
Não desprezeis o tempo presente 209
66 Jesus ensina outra vez aos seus
discípulos sobre a natureza de Deus
O reino de Deus
Os dois em um 211
67 A última entrada em Jerusalém
O pastor e as ovelhas 213
68 O proprietário e os lavradores
Ordem proveniente da desordem 215
69 O Cristo no interior da alma
A ressurreição e a vida
A pergunta de Salomé 219
70 Jesus repreende a Pedro
por sua precipitação 221
71 A purificação do templo 223
72 As muitas moradas na casa única 225
73 Cristo, a videira verdadeira 229
74 Jesus prediz perseguições 233
75 A última ceia pascal 237
76 O lava-pés
O novo mandamento
A oblação eucarística 241
77 A agonia no jardim 247
78 A traição de Judas Iscariotes 249
79 O julgamento hebreu diante de Caifás 253
80 O arrependimento de Judas 255
81 O julgamento romano perante Pilatos 257

82 A crucificação 261
83 O sepultamento de Jesus 265
84 A ressurreição de Jesus 267
85 Jesus ressurreto aparece
a dois discípulos em Emaús 269
86 Jesus aparece no templo,
e os sacrifícios de sangue cessam 271
87 Jesus aparece aos seus discípulos 273
88 O oitavo dia após a ressurreição 275
89 Jesus aparece no mar da Galileia 277
90 O que é a verdade? 279
91 A ordem do reino – Parte I 283
92 A ordem do reino – Parte II 285
93 A ordem do reino – Parte III 287
94 A ordem do reino – Parte IV 291
95 A ascensão 293
96 A descida do Espírito 295
Epístola de Apolo, o Profeta 301

O evangelho dos doze santos, por Gideon Jasper Richard Ouseley

PREFÁCIO E ORIENTAÇÃO

No final do século XIX, G.J.R. Ouseley (1835–1906) publicou *O evangelho dos doze santos* em forma de folhetim no jornal *The Lindsey & Lincolnshire Star*. Uma primeira edição apareceu em 1901 em forma de livro, e, até onde podemos verificar, em 1903 surgiu a primeira tradução holandesa, publicada na então Índia holandesa. Essa tradução apareceu numerosas vezes em diferentes edições. Em 1965 a Rozekruis Pers, a editora holandesa da Escola Internacional da Rosacruz Áurea, publicou sua primeira edição um pouco modernizada, e em 1975 e subsequentemente apareceram dessa edição outras tantas reedições fotomecânicas. Todas essas edições, inclusive a inglesa, sempre apareceram sem o nome do autor, isso porque Ouseley sempre insistia em dizer: "Embora o trabalho tenha sido meu, ele não é uma obra (espiritual) minha nem mérito meu". Essa era sua posição.

Ouseley simplesmente não considerava *O evangelho dos doze santos* como obra sua, tendo-a apenas publicado assim como a recebera. Inclusive existe uma edição inglesa em que Ouseley aparece não como autor, mas como "tradutor" deste evangelho, conforme exposto por Samuel Hopgood Hart (1865–1958) em sua obra *In memoriam to the Rev. G.J. Ouseley* (Em memória ao Rev. G.J. Ouseley), escrita em 22 de fevereiro de 1952 em Ilfracombe, Inglaterra. Hopgood Hart é tido como biógrafo de Ouseley, de quem tomamos grande parte dos dados para este prefácio.

Interessante, contudo, é o fato de ter-se tecido tanta lenda em torno deste documento. Dizia-se que fora preservado "num dos mosteiros

de monges budistas no Tibete, onde teria sido escondido por alguns membros da comunidade essênia", o que prova o quanto os ânimos se encontravam extremamente ocupados com assuntos dessa natureza no início do século passado.

No século dezenove surgiram muitos escritos falando sobre o mesmo tema que, em parte, tiveram o mesmo destino. Todos eles pareciam, de preferência, ter sido preservados no Tibete. Assim, apareceu em 1894 um livro em francês intitulado *La Vie Inconnue de Jésus-Christ en Inde et au Tibet* (A vida desconhecida de Jesus Cristo na Índia e no Tibete), publicado por Nicolas Notovitch (1858–1916?), cujo tema era: onde esteve Jesus dos doze aos trinta anos?

Notovitch dizia que estivera no Tibete em 1887, onde encontrara, no Mosteiro de Hemis, um antigo manuscrito que falava a respeito de um sábio chamado Issa. Logo ele percebeu que esse sábio teria sido Jesus. Porém, quando o professor Max Müller (1823–1900) em 1894 investigou a fundo essa provável bomba-relógio sob os alicerces da religião cristã estabelecida, descobriu-se que o livro apresentava muitos dados inconsistentes. Enquanto ocupava-se desse assunto, em 29 de junho de 1894, recebeu uma carta vinda de Leh, Ladakh, de uma amiga inglesa que costumava fazer viagens.

Nessa carta ela escrevia: "Ontem estivemos no grande Mosteiro de Hemis, o maior mosteiro budista aqui da região — com 800 lamas. Você ouviu falar acerca de um viajante russo […] que teria vindo aqui para copiar um manuscrito budista sobre a 'vida de Cristo'? Ele diz que vira esse manuscrito e o publicara em francês. Não há nada de verdadeiro nessa estória toda! Nenhum russo esteve aqui! […] Um anos depois, em junho de 1895, quando o professor J. Archibald Douglas procurou no referido mosteiro informações sobre a existência de uma 'Vida de Issa', ele descobriu que ela era totalmente desconhecida. Além disso, o abade assegurara que, nos cinquenta anos anteriores àquela data, nenhuma pessoa estivera ali indagando sobre semelhante livro. Defendendo-se dessas acusações, Notovitch chamou a atenção para o fato de que o livro era composto de muitos fragmentos separados,

que ele havia colecionado em vários mosteiros; porém o estrago já estava feito. Embora citando o nome de muitas pessoas que poderiam testemunhar que ele realmente estivera no Tibete, ninguém quis dar-lhe crédito.

Na mesma época, o sábio Sri Ramakrishna (1836–1886) confiou a dois de seus discípulos, Vivekananda e Abhedananda, a tarefa de divulgar no Ocidente a profunda sabedoria dos Vedas. Abhedananda, deparando-se com a controvérsia sobre *A vida desconhecida de Jesus Cristo,* decidiu-se de uma vez por todas apurar a lenda e demonstrar que esse manuscrito não existia. Em 1922, foi à Índia para estudar o budismo. Cruzou o país a pé e atravessou o Himalaia até o Tibete, onde também visitou o Mosteiro de Hemis. Ali, de fato, ele descobriu um manuscrito com o mesmo conteúdo descrito por Notovitch que falava sobre os anos esquecidos de Jesus. Publicou esse texto como Apêndice 2 em seu livro intitulado *Journey into Kashmir & Tibet* (Viagem na Caxemira e no Tibete) editado pela Ramakrishna Vedanta Math, em Calcutá. Em 2001 apareceu a mais recente edição deste livro, sobre a qual um crítico escreveu: "[…] o mais formidável deste livro é o Apêndice 2, que apresenta o texto completo de uma tradução inglesa de uma tradução francesa de uma tradução russa de uma tradução tibetana de um documento escrito originalmente em língua páli, sobre a vida de Jesus".

O escritor Holger Kersten conta que em 1939 uma senhora suíça chamada Elizabeth Caspari, durante uma peregrinação ao monte Kailasa, fez uma visita ao Mosteiro de Hemis. Ela fazia parte de um grupo dirigido pela senhora Clarence Gasque, presidente da *World Association of Faith* (Associação Mundial da Fé). O bibliotecário do mosteiro, ao mostrar-lhe antigos documentos, disse-lhe: "Estes livros falam sobre a permanência de Jesus aqui". A senhora Caspari tomou nas mãos um dos livros que lhe foram mostrados. Nenhuma das senhoras que a acompanhavam jamais tinha ouvido falar sobre as descobertas de Nicolas Notovitch, e por isso deram pouca atenção aos escritos. Ao que parece, logo em seguida os escritos desapareceram do mosteiro.

O fato de atribuir-se a mesma origem à obra *O evangelho dos doze santos* deve-se a numerosos fatores. A confusão, tal como dissemos acima, deve-se também ao aparecimento, na mesma época, de um tipo de publicação semelhante, a saber, *The Aquarian Gospel of Jesus the Christ* (O evangelho aquariano de Jesus Cristo), escrito por um médico e pastor chamado Levi Dowling (1844–1911). Também esse evangelho póstumo, publicado em 1908, fala, entre outras coisas, sobre o período em que Jesus viajou para a Índia (e Egito). Outra causa da confusão poderia ser que na Antiguidade esse antigo documento tenha existido e que Orígenes lhe tenha dado um título quase semelhante: *O evangelho dos doze.* Isso é mencionado na página 10 da edição inglesa dos apócrifos, *The Apocryphal New Testament* (O Novo Testamento Apócrifo).

Uma terceira razão para que semelhante origem exótica tenha sido sugerida talvez seja o fato de que a temática e o comportamento de vida apresentado pelo livro apresentasse um parentesco muito próximo com aquilo que, por volta do fim de século, as pessoas imaginavam da vida da comunidade essênia, de onde Jesus teria provindo. Abstenção de bebidas alcoólicas, o não sacrifício de animais (ou experiências com eles!), total vegetarianismo, modo de vida higiênico e puro e comunidade de bens eram ideais e temas que se ajustavam à problemática social do século dezenove, aos quais muitos escritores, e também Ouseley, por motivos idealísticos, tentavam dar uma resposta.

Nos últimos séculos muitos fragmentos do evangelho, denominados *logions,* foram descobertos em velhas bibliotecas e em escavações arqueológicas. Fato curioso é que esses textos mostram, em grande parte, notável semelhança com o evangelho de Ouseley que nunca foi censurado. Nesse evangelho se encontram os ensinamentos de Cristo referentes ao amor universal, ao vegetarianismo e ao amor pelos animais. Do mesmo modo, os sacrifícios de animais são nele explicitamente repudiados. O texto rejeita os escritos bárbaros do Velho Testamento em que o sacrifício de animais e até mesmo de primogênitos era visto como natural. O Velho Testamento, visto por judeus e cristãos como

um livro inspirado por Deus, era totalmente repudiado pela nova Igreja de Jerusalém. No cristianismo primitivo o Velho Testamento jamais teve a importância que apresentou no judaísmo original.

Ouseley explica: "Os primeiros Pais da Igreja cristã destruíram as fontes e informações dos evangelhos, retirando-os da Bíblia, mas nem tudo conseguiram destruir. Mediante investigação meticulosa, cada vez mais coisas são descobertas, e é assombroso de ver como o mundo foi enganado por eles.

Esses 'corretores' retiraram dos evangelhos certos ensinamentos de Jesus relativos a alimentação carnívora e ao álcool, instruções quanto ao trato amoroso com os animais e até mesmo ensinamentos interessantes que, com frequência, aparecem nos escritos sagrados do Oriente, pois não desejavam segui-los". Os corretores foram assalariados pelos Pais da Igreja durante o Primeiro Concílio de Niceia (325 d.C.) para, entre outras coisas, adequar os textos dos evangelhos de modo tal que o imperador Constantino abandonasse sua resistência ao cristianismo. Constantino era muito afeito às carnes e ao vinho em seus banquetes noturnos, durante os quais alimentos cárneos eram copiosamente servidos e o vinho fluía em abundância. Os 318 bispos ali presentes e seus partidários participaram disso totalmente convictos do que faziam.

Nos evangelhos originais, escritos em aramaico, é feita com certa insistência a recomendação de não se fazer uso de carne e vinho, porém, em publicações posteriores isso foi retirado. Pelo fato de esse mandamento representar uma medida um tanto radical para os bispos e para o imperador e sua comitiva, passou-se a interpretar esse mandamento como: "não matarás", dando com isso a ideia de que esse mandamento se referia apenas aos homens, e não aos animais. Por conseguinte, a morte e o extermínio de animais já não representaria nenhum assassínio.

O evangelho original contendo os ensinamentos de Cristo, o Senhor do Amor, baseia-se na brandura e na compaixão com todos os seres vivos, isto é, tanto os animais como os seres humanos. Porém, no evangelho original, e segundo a visão de Ouseley, o Salvador, tal como

Cristo era visto, era tanto salvador da humanidade quanto do mundo animal; com efeito, ele se empenhara em aliviar o sofrimento de todos os seres vivos.

Diz Ouseley: "O oniabarcante amor do Salvador não é apenas pela humanidade, mas também pelas assim chamadas criaturas inferiores de Deus. Elas compartilham conosco o mesmo alento de vida e seguem conosco o mesmo caminho para o que é mais elevado. Em parte alguma o desvelo do Compassivo com o homem e os animais é mais surpreendentemente expresso do que nas palavras: 'Não se vendem cinco pardais por dois asses? E, no entanto, nenhum deles é esquecido por Deus'.

Como, pois, poderíamos duvidar da compaixão do Salvador pelas criaturas que, em silêncio, devem suportar dor? Não seria um contrassenso caso ele contemplasse sem compaixão os maus tratos aos animais indefesos? Se o homem tivesse aberto o coração à mensagem de amor quando ele trouxe a salvação ao mundo que estava mergulhado na obstinação, no egocentrismo e na miséria, anunciando a mensagem do amor oniabarcante a toda criatura, então não se mostraria duro e sem compaixão com outras criaturas de Deus que, assim como ele, foram chamadas à vida e são passíveis de experimentar alegrias e sofrimentos".

E ele prossegue: "Os que têm o Salvador como modelo professam amor e compaixão por todas as criaturas. Quão pouco essas indefesas criaturas exigem de nós! Não atormentá-las, e auxiliá-las quando se veem em dificuldades ou quando nos pedem ajuda. E, se for necessário dar um fim à sua vida, fazê-lo de maneira rápida e com o mínimo possível de sofrimento, como um suave adormecer. Mas infelizmente compreendemos muito pouco essas divinas lições de misericórdia e compaixão. A quantos terríveis tormentos não se encontram expostas essas criaturas em nome de uma pretensa ciência, para a satisfação de nossas necessidades naturais, ou então por vaidade!"

Apesar das suposições apresentadas em vários prefácios nas edições inglesa, alemã, sueca e holandesa, *O evangelho dos doze santos* não provém de nenhuma fonte assim tão exótica. A Rozekruis Pers também

se decidiu pela publicação deste evangelho em 1965, não porque supusesse tratar-se de algum escrito ocultista, obtido por meios espiritistas. Ela o fez porque quase cada página deste livro dá testemunho de um comportamento de vida do Sermão da Montanha, do comportamento de vida do homem-alma. Com isso não queremos, de modo algum, dizer que a história de sua origem não tenha nenhuma importância.

Ouseley era uma pessoa reservada, muito pobre e de conduta irrepreensível. Em parte alguma ele alega ter estado no Tibete. Não fez nenhum segredo de como escreveu os textos: ele não os recebera em sessões ou reuniões espiritistas, porém "em sonhos e visões noturnas". O evangelho não foi escrito em aramaico, mas diretamente no estilo pomposo do inglês do século dezenove, e refere-se à atitude de vida que muito se aproxima do modo de vida do Sermão da Montanha.

Gideon Jasper Richard Ouseley nasceu em Lisboa em 15 de outubro de 1835. Quando tinha sete anos de idade, seu pai faleceu; sua família levou-o para a Irlanda, onde em 1858 completou seus estudos na Universidade de Dublim. Tornou-se sacerdote e propalou então a ideia de que alimentar-se de carne, beber vinho e fazer uso de nicotina de fato não combinavam com a natureza humana nem com a verdadeira religião assim como ela fora ensinada por Cristo e seus apóstolos.

Em sua opinião, essas eram as causas diretas da pobreza, e somente as banindo é que o mundo poderia ser salvo. Para o homem, o alimento apropriado é o que a terra produz em abundância para seus moradores. Ouseley fundou a *Order of At-one-ment* (Ordem da Reconciliação) e a *United Templars Society* (Sociedade dos Templários Unidos), tendo esta última como lema: "Um Deus, uma religião, vários nomes, diferentes formas". Com isso ele desejava harmonizar ideias, profissões, pessoas e sistemas opostos, e o homem, com a Divindade, mediante o Espírito de Cristo na alma. Esses objetivos não foram muito apreciados por seus superiores eclesiásticos, e acabou recebendo o estigma de "anticristão", sendo então banido da Igreja.

O fato de Ouseley ter recebido "pelo Espírito" a tradução do evangelho não significa que este tenha maior importância que os quatro

evangelhos conhecidos, pois para todos os evangelhos vale a seguinte regra: eles nada fazem senão esboçar o "sublime drama da história espiritual secreta do homem", isto é, da alma. Uma vantagem, contudo, é que o evangelho em questão escapou da pena dos "corretores" bem como dos falsificadores, que danificaram seriamente os outros quatro evangelhos. Quando mais tarde Ouseley tomou contato com os ensinamentos de *The Perfect Way, or, the Finding of Christ* (O caminho perfeito ou a descoberta de Cristo), escrito por Anna Bonus Kingsford, encontrou nele a chave para a verdadeira compreensão das parábolas e alegorias — que geralmente são apresentadas como fatos históricos — no livro que havia recebido. Nesse livro estão contidas importantes lições que, de outro modo, se teriam perdido. Esses escritos nunca se referiram a fatos históricos, mas sim aos ensinamentos originais dos mistérios cristãos. O que ali eventualmente possa ser histórico se ajusta perfeitamente à doutrina dos mistérios em questão. Eis por que Ouseley, em sua obra, demonstrou grande apreço às palavras de João 6:63: "O espírito é que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que vos disse são espírito e vida". Por isso não é demais enfatizar que esses escritos representam processos espirituais aplicáveis a qualquer um que realize o "caminho perfeito".

Kingsford foi ainda mais longe quando, um pouco antes de sua morte, escreveu: "Iluminada pela luz interior (o espírito divino imanente), percebi a falsidade e a idolatria do cristianismo popular, e a partir do momento em que recebi o Cristo espiritual no coração, decidi que já não o conheceria segundo a carne. As velhas controvérsias históricas sobre fatos, datas e acontecimentos do Velho e do Novo Testamento deixaram de perturbar-me e desconcertar-me. Percebi que minha alma nada tinha a ver com acontecimentos no plano material, pois estes, por sua natureza, não tinham nenhuma relação com necessidades espirituais".

"A sabedoria celeste", diz Tomás de Kempis, "pisa com seus pés todas as coisas inferiores", e ele testifica de um "maná oculto na doutrina de Cristo". Também Ouseley adere ao princípio básico de Anna

Kingsford e Edward Maitland, que diziam não aceitar nenhuma autoridade, escritos, pessoas ou instituições — por mais sagradas, sublimes ou respeitáveis que fossem — como base de seus ensinamentos. Ouseley, assim como eles, fez um apelo ao *insight* espiritual do ser humano: "O espírito em vós é divino, é Deus".

Ouseley enfatiza que a sublime verdade somente pode ser revelada interiormente. "Buscai no mais interior, dentro de vós", repete ele, "não busqueis fora de vós. Todo conhecimento provém do interior, nunca de fora".

Algumas partes do texto foram por ele tiradas de uma obra anterior sua intitulada *Palingenesia, or, The Earth's new birth* (Palingenesia, ou, O novo nascimento da Terra), publicada em 1884, onde apareceram como *Fragmentos do evangelho da vida perfeita.* Esse texto foi-lhe dado em sonhos e visões noturnas, e o que lia e ouvia era escrito em sua escrivaninha no dia seguinte, às vezes logo de imediato, ou então pouco a pouco, trecho por trecho. Ele recebia as mais sublimes inspirações enquanto caminhava pelo campo, respirando o ar fresco da manhã. "Somente quando caminhava pelo campo, recebia inspiração. Eu sempre levava comigo um pequeno livro de apontamentos."

Sua vida baseava-se em sua grande convicção: "Nenhuma narrativa, nenhuma parábola e nenhum outro escrito que, tomados literalmente, aconselhem crueldade, injustiça ou opressão foram transmitidos pelo Espírito de Deus ou pelo Bem. Esse é um princípio absoluto! Também não podem servir de base para a verdade espiritual superior, seja qual for a interpretação que se lhes dê, pois são falsos em si mesmos, quer seja no plano físico ou no moral, pois não estão em sintonia com os ensinamentos do Espírito da Verdade". Como exemplo, ele cita a narrativa sobre Caim e Abel, que, interpretada literalmente, inculca a ideia de sacrifícios imorais de vidas inocentes a fim de satisfazer uma divindade má.

"Buscai", diz Anna Kingsford, "pelo mais profundo significado do universo manifestado e da palavra escrita, e somente então encontrareis seu significado místico". Ouseley expressa-se da seguinte maneira:

"Empenhai-vos por receber os mistérios da Luz". A letra das escrituras sagradas é tão-somente a sombra da verdade divina.

A sombra que, como diz Tennyson, "está sentada e espera por mim no deserto". A sombra que veste um manto oculto e tem nas mãos as chaves da certeza da fé. Sobre isso Buda diz: "Quem toma a sombra pela essência e a essência pela sombra nunca alcança a realidade, mas persegue falsos objetivos. Quem conhece a essência como essência e a sombra como sombra alcança a realidade e persegue objetivos corretos". Também Jesus, nos escritos que nos foram legados, sempre enfatiza que a verdadeira realidade está oculta e somente pode ser encontrada após ter sua veste retirada. Com efeito, tudo será revelado, contudo somente compreenderão a verdade os que estiverem maduros para ela. Em *O evangelho dos doze santos* lemos: "A verdade única e absoluta está apenas em Deus […] Ao homem, a verdade é revelada segundo sua capacidade de compreendê-la e assimilá-la". Para alguns eu me expresso em linguagem comum e a outros eu revelo grandes mistérios. Minhas palavras são espírito e vida e não podem ser compreendidas pelo intelecto humano. Os profetas trazem-vos a letra, mas vós revelais o seu conteúdo. Eles a trazem em alta voz, vós, porém, lhes dais o sentido.

No final de *O evangelho dos doze santos* lemos: "Para os que creem, essas coisas são verdadeiras. Para os que não creem, elas não passam de uma história vã. Porém, para os que possuem mente e coração perceptivos, levando em conta o Espírito e não a letra que mata, elas são verdades espirituais".

E ocorre-nos a questão: Por que Jesus ensinava o povo em parábolas? Porque as verdades ocultas não podem ser ensinadas de maneira direta ao homem aprisionado na natureza; elas somente podiam ser dadas à multidão que se opunha aos seus ensinamentos em forma de "sentenças obscuras". *O evangelho dos doze santos* é muito claro nesse sentido: "Quem partilha dos benefícios obtidos da prática de atos contra uma das criaturas de Deus não pode ser justo, nem pode aquele cujas mãos estejam manchadas de sangue, ou cuja boca esteja contaminada por

carne, tocar as coisas santas, ou ensinar os mistérios do reino [...] porque o coração deste povo está endurecido".

Há, ainda, em *O evangelho dos doze santos,* outra dimensão para a noção "Deus" que deve ser levada em consideração. A abordagem de Ouseley para o Ser supremo não é masculina nem feminina, mas unifica em si as duas correntes cósmicas, a masculina e a feminina. Deus é pai-mãe, e também *um* em dois. Quando Jesus ensina a orar, na lição 19, e também, quando na cruz (lição 72, versículo 2), ele fala de "Abba-Amma". Encontramos novamente essa ambivalência em seu nome mais ou menos oficial. Na lição 2, versículo 6, o anjo anuncia que seu nome será Jesus-Maria. Isso, contudo, não impede Ouseley de chamá-lo de Jesus ao longo do texto do evangelho.

Ouseley achava que o atual período em que vivemos é materialista e anticristão, embora se denomine cristão. A imoralidade tornou-se lei. O materialismo rege a ciência, a igreja e a religião. A verdade foi sufocada, tornando-se dependente de interesses, e as pessoas perdem a confiança na assim chamada democracia. Nega-se a religião, e não é de estranhar que nos dias de hoje muitos sintam aversão por ela. É importante notar que enquanto a alma dos justos se torna um veículo da revelação divina, existem muitos escritos inspirados que são coloridos e manipulados pelo caráter ou pela mentalidade dos mediadores, mediante os quais esses escritos chegam até nós.

Nem sempre podemos considerar toda palavra que ali aparece como sendo infalível. A inspiração espiritual não traz necessariamente a marca da infalibilidade, pois não há ninguém que esteja totalmente isento de erro. Lemos em *O evangelho dos doze santos* que mesmo entre os profetas "pode ser encontrado erro". A verdade mesma de uma mensagem divina é a melhor prova da verdadeira inspiração: o inalar do divino pelos órgãos espirituais que foram criados no homem para essa finalidade. A inspiração nasce em Deus. A verdade manifesta-se ao homem em conformidade com sua capacidade de compreendê-la e recebê-la. *O evangelho dos doze santos* ensina-nos que a criação e a salvação do mundo são alcançados mediante "a descida do Espírito na

matéria e a ascensão da matéria ao Espírito". Também encontramos nesse evangelho uma instrução de Jesus que diz que devemos "amar uns aos outros e a todas as criaturas de Deus", pois Deus encontra-se em todas as criaturas. As crianças devem ser "educadas no espírito de retidão, não comendo carne nem bebendo bebidas fortes; nem ferindo as criaturas que Deus colocou nas mãos dos homens para serem protegidas". Enfatiza também que Jesus veio ao mundo para abolir os sacrifícios de sangue e o consumo de carne.

Podemos afirmar com certeza que em *O evangelho dos doze santos* estão implícitas as ideias de carma e reencarnação, porém em parte alguma são enfocadas em forma dogmática. A mais clara indicação desta ideia encontra-se na lição 65, em que Jesus-Maria ensina a seus discípulos a não se descuidarem do dia de amanhã, e que é preciso esforçar-se para receber os mistérios da Luz nesta vida, e não adiar de "ciclo para ciclo e de era para era", na crença de que, quando retornarem a este mundo, conseguirão receber os mistérios. Nem carma, nem culpa, nem penitência são importantes, mas sim a aquisição de consciência e a participação no reino da Luz no agora.

Jesus ensina enfaticamente a doutrina da regeneração (renascimento espiritual) como meio de "aperfeiçoamento do homem mediante o sofrimento; mudança de vida a fim de aperfeiçoar a alma". Desse modo, "purificado através de muitas experiências" o homem já não morrerá nem nascerá de novo, pois a morte já não terá poder sobre ele. Nessa doutrina não há nenhum "bode expiatório" no cristianismo, nenhuma remissão dos pecados mediante "expiação vicária". Para os que pecam contra a lei divina não há nenhuma remissão dos pecados senão mediante "arrependimento e reforma de vida". Segundo Ouseley, as escrituras contêm a palavra de Deus, porém são, de maneira intencional ou por causa de equívocos humanos, frequentemente alteradas em sua interpretação. "Jogaremos fora o ouro porque está misturado a muita impureza? Se o fizermos, seremos tolos, e não sábios".

A publicação de *O evangelho dos doze santos* tinha por objetivo a restauração do texto original onde são relatados a vida e a verdade sobre a

missão terrena de Jesus. Nele suas profecias se tornaram realidade. Ele diz a seus discípulos: "Expulsar-vos-ão das sinagogas […] porque não conheceram ao Pai-Mãe do Todo nem a mim". E quando lhe perguntam quem são seus discípulos, ele dá a seguinte resposta: "Nisto todos os homens conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros, e se mostrardes misericórdia e amor a todas as criaturas de Deus". Mas, com relação à organização eclesiástica, Ouseley acreditava que "com o passar do tempo, ela não estaria em condição de oferecer qualquer resistência aos princípios eternos de retidão, de humanidade e de amor a todas as manifestações de Deus.

E sobre as igrejas pode ser dito: "Encontramo-nos sobre os velhos fundamentos, mas não revelamos a antiga verdade; temos as chaves dos céus, mas não abrimos as portas para nós mesmos nem para outros que querem nele entrar. A luz nos foi ofertada, porém a escondemos num lugar escuro, e os que clamavam por mais luz foram perseguidos e chamados de heréticos, e em nossa cegueira condenamos muitos deles à morte. E mesmo agora, Mestre, quase que de novo te rejeitamos, porém pela misericórdia do eterno ouvimos os santos e verdadeiros ensinamentos que um dia destes em forma de parábolas, a saber, os ensinamentos de tempos muito antigos que, de novo, nos foram ofertados: o novo vinho de teu reino; e finalmente nossos olhos e ouvidos se abriram e nos voltamos para ti".

Ouseley via como sua missão revelar ao mundo *O evangelho dos doze santos,* até então desconhecido.

Sua esposa falece em 1898, e no ano seguinte ele se casa de novo. Sua segunda esposa foi-lhe de grande auxílio em seus últimos anos e sobreviveu a ele. De seus escritos transparece que em 1903 ele se encontrava muito cansado e se sentia deprimido por haver sido banido da Igreja à qual ele havia trazido o único evangelho, digno de real interesse. Ficava cada vez mais surdo e já não enxergava bem. Durante a noite, ficava acordado por causa de seus "irmãos sofredores", os animais. Embora surdo no plano material, mas não no espiritual, ouvia seus gritos de angústia e tinha consciência de sua agonia, enquanto

eram mortos pelos homens. Dizia: "Eles (os homens) não percebem que o que fazem é ultrajante e não entendem que toda a vida é *una*".

Também se preocupava com o futuro de *O evangelho dos doze santos*. O que sucederia a ele após a sua morte? Seu maior receio era que viesse a cair nas mãos de pessoas "que colocassem debaixo de chave o que lhe fora dado para a iluminação do mundo". Temia ainda mais os corretores que poderiam reviver a história do passado, mutilando assim o que o evangelho continha de bom. Em 1904, Ouseley cedeu os direitos autorais do livro a um amigo, com a incumbência de "não deixá-lo cair nas mãos de ritualistas, nem de católicos romanos, nem de anglicanos". Em 1905 escreveu a um amigo: "Estou quase no fim, e meu destino me espera. Estão preparados para receber-me".

Aos setenta e dois anos de idade Ouseley falece em 9 de dezembro de 1906. No periódico intitulado *Light* (Luz) (5 e 12 de janeiro de 1907) aparece o seguinte: "Possa ele agora repousar em paz, na certeza de que sua vida de autossacrifício em prol da verdade e da humanidade, uma vida sem ambições por honrarias ou desejo de lucros mundanos não foi vivida em vão, pois onde habitam misericórdia, amor e compaixão, ali também Deus está presente". Ouseley escreveu: "Mediante a involução e a evolução se cumprirá a salvação do mundo inteiro; mediante a descida do Espírito na matéria e a ascensão da matéria ao Espírito no curso dos séculos". O próprio Ouseley foi um exemplo do modo como o Espírito pode ser ativo na matéria.

Uma coisa é certa: sem a ajuda de um poder superior ele nunca teria escrito este evangelho, e a prova de que esse poder era de natureza divina se manifesta pelo seu conteúdo. As últimas linhas de *O evangelho dos doze santos* dizem o seguinte: "Glória a Deus! Por seu poder e auxílio foi este evangelho escrito".

Peter Huijs
Autor holandês e editor responsável pela revista **Pentagrama**

Bibliografia

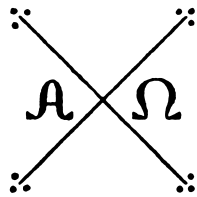
Hart, S.H. *In Memoriam to the Rev. G.J.R. Ouseley* (Em memória ao Rev. G.J.R. Ouseley). Ilfracombe (Devon, Inglaterra): The Round House, 1952.
www.anna-kingsford.com

Abhedananda, S. *Journey into Kashmir and Tibet* (Viagem na Caxemira e no Tibete). Calcutá (Índia): Ramakrishna Vedanta Math, 1988 (2001).

Kersten, H. *Jesus viveu na Índia — A desconhecida história de Cristo antes e depois da crucificação.* Rio de Janeiro: Best Seller, 1988.

Kranenborg, R. *De wonderbaarlijke avonturen van Jesus van Nazareth* (As aventuras maravilhosas de Jesus de Nazaré), Baarn (Países Baixos): Ten Have, 2004.

James, M.R.; Elliot, J.K. (Ed.) *The Apocryphal New Testament: A collection of Apocryphal Christian Literature in an English Translation* (O Novo Testamento Apócrifo: Uma coleção de literatura cristã apócrifa em uma tradução inglesa). Londres: Oxford University Press, 2005.



Em nome do Santíssimo.
Amém.

Aqui começa o Evangelho da Vida Perfeita de Jesus-Maria Cristo, filho de Davi através de José e Maria, segundo a carne, e o Filho de Deus através do amor e sabedoria divinos, segundo o Espírito.

Prólogo

Pelos séculos dos séculos é o Pensamento Eterno, e o Pensamento é o Verbo, e o Verbo é a Ação, e esses três são um na Lei Eterna, e a Lei está em Deus, e a Lei provém de Deus. Todas as coisas são criadas pela Lei, e sem ela nada do que existe foi criado.

No Verbo estão a vida e a substância, o fogo e a luz. O amor e a sabedoria são um para a salvação de todos. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a ocultam. O Verbo é o único fogo doador de vida, o qual, brilhando no mundo, torna-se o fogo e a luz de cada alma que vem ao mundo.

Estou no mundo, e o mundo está em mim, e o mundo não o sabe. Eu venho para a minha própria casa, e os meus amigos não me recebem. Porém, a todos quantos me recebem e obedecem, a eles é dado o poder de serem feitos filhos e filhas de Deus, o que também é concedido aos que creem no santo nome, os quais não nasceram da vontade da carne, nem da vontade do sangue, mas de Deus.

E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos sua glória cheia de graça. Vede a bondade, e a verdade, e a beleza de Deus!

Lição 1

Genealogia e concepção de João Batista

Existiu, no tempo de Herodes, rei da Judeia, um sacerdote chamado Zacarias, da ordem de Abias, cuja mulher era das filhas de Arão, e seu nome era Isabel.

2. E eram ambos justos perante Deus, andando sem repreensão em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade.

3. E aconteceu que, exercendo ele o sacerdócio diante de Deus, na ordem de seu grupo, segundo o costume sacerdotal, coube-lhe em sorte entrar no templo do Senhor para oferecer o incenso. E toda a multidão do povo estava fora, orando, à hora do incenso.

4. E um anjo do Senhor apareceu-lhe, posto em pé, à direita do altar do incenso. E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele. Mas o anjo disse-lhe: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João.

5. E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento, porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe.

6. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus, e irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto.

7. Disse então Zacarias ao anjo: Como saberei isso? Porque eu já sou velho, e a minha mulher avançada em idade. E, respondendo o anjo,

disse-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te essas alegres novas.

8. E eis que ficarás mudo, e não poderás falar até o dia em que essas coisas aconteçam; porquanto não creste nas minhas palavras, que a seu tempo hão de cumprir-se.

9. E o povo estava esperando a Zacarias, e maravilhava-se de que tanto se demorasse no templo. E, saindo ele, não lhes podia falar; e entenderam que tinha tido uma visão no templo. E falava por acenos, e ficou mudo.

10. E sucedeu que, terminados os dias de seu ministério, voltou para sua casa. E, depois daqueles dias, Isabel, sua mulher, concebeu, e por cinco meses se ocultou, dizendo: Assim me fez o Senhor, nos dias em que atentou em mim, para destruir o meu opróbrio entre os homens.

O evangelho dos doze santos

Gideon Jasper Ouseley

A publicação da obra *O evangelho dos doze santos*, no final do século XIX, foi cercada por um misto de perplexidade e incredulidade. Por um lado, sua autenticidade foi duramente questionada pelo *Establishment*, por outro, o insólito motivou a crescente curiosidade de muitos.

Histórias sobre sua origem foram alvo de grande especulação. Dizia-se, por exemplo, que se tratava do lendário *Evangelho dos Nazarenos*, que teria sido escrito pelo próprio grupo dos doze apóstolos e, posteriormente, usado para compor os evangelhos canônicos.

Hoje, contudo, há um consenso de que o Rev. Ouseley não teria simplesmente sido o tradutor dessa obra, mas sim o próprio autor. Sem se prender à letra bíblica que mata, mas ao espírito da letra, ele urdiu cada linha desse tecido sagrado com o tear de sua imaginação.

Semelhante aos gnósticos do início da era cristã, Ouseley sabia que a Verdade poderia ser revelada interiormente e que a missão de sua vida seria materializar a mensagem que lhe fora ofertada por inspiração.

Quem conhece os textos bíblicos, certamente irá surpreender-se ao ler as mesmas histórias sob uma luz, um sabor e uma fluência inusitados.

ISBN 978-85-62923-13-5